



Tessa Dare

«Um romance encantador, sexy e divertido!»

LIBRARY JOURNAL

VENCEDORA
DO PRÊMIO RITA
MELHOR
ROMANCE
HISTÓRICO

Uma
Noite para se
Render

TOP
SEL
LER

*Para a minha mãe, com amor.
Curandeira, estudiosa, escritora, heroína, amiga.*

Capítulo 1

Sussex, Inglaterra
Verão de 1813

Bram fitou dois olhos escuros e grandes. Olhos que refletiam um surpreendente brilho de inteligência. Esta poderia ser a rara fêmea com quem um homem podia conversar racionalmente.

— Vá, então — disse ele. — Podemos fazer isto da maneira fácil, ou podemos dificultar as coisas.

Com um balido baixo, ela virou a cabeça. Foi como se ele tivesse deixado de existir.

Bram transferiu o seu peso para a perna boa, ao sentir o seu orgulho atacado. Ele era um tenente-coronel do Exército Britânico e, com mais de 1,80 m, dizia-se que ele possuía uma imagem imponente. Normalmente, um olhar incisivo seu seria o suficiente para eliminar qualquer sinal de desobediência. Ele não estava habituado a ser ignorado.

— Oiça-me bem, agora. — Ele deu-lhe um brusco puxão na orelha e baixou a voz num tom ameaçador. — Se não fizer o que lhe disser, vai ver o que é bom para a tosse.

Embora ela não tenha dito uma palavra, a sua resposta foi clara: *Estou-me a horrifar para si e mais o que me disser.*

Malditas ovelhas.

— Ah, a província inglesa. Que encantadora. Que... bem cheirosa. — Colin aproximou-se, sem o seu melhor sobretudo londrino, mergulhado até às ancas no rio de lã. Limpando o suor da testa com um lenço, perguntou: — Será que não podemos simplesmente voltar para trás?

À frente deles, um rapaz que puxava um carrinho de mão tinha capotado a carga, espalhando milho pela estrada toda. Era um *buffet* livre e todos os carneiros e ovelhas de Sussex pareciam ter aceitado o convite. Um rebanho de ovelhas baliava à volta do jovem infeliz, devorando o cereal derramado — e obstruindo completamente as carroças de Bram.

— Podemos guiar as carroças para trás? — perguntou Colin. — Talvez consigamos dar a volta e encontrar outra estrada.

Bram gesticulou para a paisagem circundante.

— Não *há* outra estrada.

Estavam no meio da estrada de terra esburacada que ocupava uma espécie de vale estreito e sinuoso. Uma ribanceira íngreme de carqueja erguia-se de um dos lados, e no outro alguns metros de mato rasteiro separavam a estrada de falésias dramáticas. E por baixo delas — *muito* abaixo delas — ficava o mar azul-turquesa cintilante. Se o ar fosse razoavelmente seco e limpo — e Bram semicerrou os olhos com força para aquela linha final índigo do horizonte — ele poderia até avistar a costa nortenha de França.

Tão perto. Ele lá chegaria. Não hoje, mas em breve. Tinha uma tarefa para cumprir aqui e, quanto mais cedo a completasse, mais cedo poderia voltar para o seu regimento. Nada o faria parar.

A não ser ovelhas. Raios. Parecia que paravam por causa de ovelhas.

Uma voz rude disse:

— Eu trato delas.

Thorne juntou-se ao grupo. Bram olhou para o lado e observou o cabo matulão com uma espingarda de pederneira ao ombro.

— Não podemos simplesmente dar-lhes um tiro, Thorne.

Obediente como sempre, Thorne baixou a arma.

— Então eu tenho um cutelo. Afiei-o ainda ontem à noite.

— Também não as podemos abater.

Thorne encolheu os ombros.

— Estou faminto.

Sim, Thorne era assim — direto, prático. Implacável.

— Estamos todos famintos. — O estômago de Bram roncou. — Mas desimpedir o caminho é o nosso objetivo neste momento e uma ovelha morta é mais difícil de mover do que uma viva. Teremos apenas de as afastar do caminho.

Thorne baixou o cão da espingarda, desarmando-a, depois virou a arma com um movimento ágil e bateu com a coronha no flanco lanudo de um dos animais.

— Mexe-te, animal maldito.

A criatura deu alguns passos, pela colina acima, empurrando os vizinhos para se mexerem também. Na encosta, os condutores instigaram os cavalos a avançar com as carroças, reajustando os travões, pois

não pretendiam perder sequer aqueles centímetros de progresso obtidos a tanto custo.

As duas carroças carregavam uma quantidade enorme de provisões para reequipar o regimento de Bram: mosquetes, munições, granadas, lã e argila para cachimbos. Ele não olhara a despesas, e *faria* com que as mercadorias subissem a colina. Nem que levasse o dia todo, e a dor ardente latejasse da coxa à canela a cada passo que dava. Os seus superiores pensavam que ele não estava suficientemente curado para voltar ao comando de campo? Provavia que estavam errados. Um passo de cada vez.

— Isto é um absurdo — grunhiu Colin. — A este ritmo, chegamos na próxima terça-feira.

— Cala-te. Para quieto. — Bram afastou uma ovelha com a bota, fazendo uma careta. Com a perna já a matá-lo de dor, a última coisa de que ele precisava era de uma pedra no sapato, mas era exatamente o que herdara, juntamente com as contas e posses todas do seu pai: responsabilidade pelo seu primo imprestável, Colin Sandhurst, Lorde Payne.

Ele deu uma pancada no flanco de outra ovelha, recebendo um balido de indignação e mais uns centímetros de avanço.

— Tenho uma ideia — disse Colin.

Bram roncou, nada surpreendido. Sendo homens, ele e Colin eram pouco mais do que estranhos. Mas, durante os poucos anos que estiveram juntos em Eton, o seu primo mais novo tivera sempre imensas ideias. Ideias que o deixaram enterrado em merda até às canelas. Literalmente, pelo menos numa ocasião.

Colin olhou para Bram e em seguida para Thorne, e mais uma vez para Bram, com um olhar penetrante.

— Pergunto-vos, meus senhores. Estamos, ou não estamos, na posse de uma grande quantidade de pólvora?

— A tranquilidade é a alma da nossa comunidade.

Nem a meio quilómetro de distância, Susanna Finch estava sentada na salinha de estar na Queen's Ruby, uma pousada para jovens senhoras de educação nobre. Com ela estavam as mais recentes potenciais residentes da pousada, uma Sra. Highwood e as suas três filhas solteiras.

— Aqui em Spindle Cove, as jovens senhoras desfrutavam de uma atmosfera saudável e benéfica. — Susanna indicou um grupo de senhoras junto à lareira, a bordarem concentrada e laboriosamente. — Veem? A imagem de boa saúde e requinte.

Em unísson, as jovens desviaram os olhos do trabalho, ergueram o olhar e mostraram sorrisos plácidos e reservados.

Excelente. Ela acenou-lhes com a cabeça, em sinal de aprovação.

Vulgarmente, as senhoras de Spindle Cove nunca desperdiçariam uma linda tarde a bordar dentro de casa. Estariam a deambular pelo campo ou a banhar-se na enseada ou a trepar as falésias. Mas, em dias como estes, quando novos visitantes vinham à aldeia, todas as pessoas entendiam que era necessário adotarem modos mais respeitáveis. Susanna era apologista de praticar um pouco de ludíbrio inofensivo quando se tratava de salvar a vida de uma jovem.

— Desejam mais chá? — perguntou ela, aceitando um bule acabado de fazer da Sra. Nichols, a proprietária idosa da pousada. Se a Sra. Highwood inspecionasse as jovens com *demasiada* atenção, poderia reparar nas suas obscenidades gaélicas que ocupavam o centro do bordado de Kate Taylor. Ou que a agulha de Violet Winterbottom nem sequer tinha fio.

A Sra. Highwood bufou. Embora o dia estivesse ameno, ela agitava vigorosamente o seu leque.

— Bem, Menina Finch, talvez este lugar faça bem à minha Diana. — Ela olhou para a filha mais velha. — Já consultámos os melhores médicos, experimentámos tantos tratamentos. Até a levei a Bath para a curar.

Susanna anuiu com a cabeça, compreensivamente. Pelo que conseguia perceber, Diana Highwood sofria de ataques medianos de asma desde tenra idade. Com cabelo loiro e um sorriso tímido e rosado, a Menina Highwood mais velha era verdadeiramente bela. A sua saúde frágil atrasara o que muito certamente seria uma estreia deslumbrante na sociedade. No entanto, Susanna suspeitava fortemente que os muitos médicos e tratamentos eram o que mantinha a jovem doente.

Ela ofereceu a Diana um sorriso amistoso.

— Estou certa de que uma estadia em Spindle Cove será muitíssimo benéfica para a saúde da Menina Highwood. Muitíssimo benéfica para todas vocês, por acaso.

Nos últimos anos, Spindle Cove tornara-se o destino balnear preferido de um certo tipo de jovem senhora bem-educada: aquela com que ninguém sabia o que fazer. Incluía as doentes, as escandalosas e as extremamente tímidas; jovens esposas desiludidas com o matrimónio e jovens demasiado iludidas com os homens errados... Todas elas entregues aqui pelos guardiões a quem causavam problemas, na esperança de que o ar do mar as curasse dos seus males.

Sendo a única filha do único cavalheiro da aldeia, Susanna era por defeito a anfitriã da mesma. Quanto a estas jovens senhoras delicadas, com quem ninguém sabia o que fazer... ela sabia o que fazer com elas. Ou melhor, sabia o que *não* fazer com elas. Não eram necessárias «curas». Elas não precisavam de médicos a espetarem-lhes lancetas nas veias ou de diretoras de escolas de educação a criticarem-lhes a dicção. Apenas precisavam de um sítio onde serem elas mesmas.

Esse sítio era Spindle Cove.

A Sra. Highwood agitou o leque.

— Sou uma viúva sem filhos homens, Menina Finch. Uma das minhas filhas tem de casar bem, e em breve. Tinha tantas esperanças para a Diana, sendo tão bonita. Mas se ela não estiver forte na próxima estação...

— Ela acenou com a mão em tom depreciativo na direção da filha do meio, que era morena e usava óculos, em contraste com as irmãs loiras.

— Não tenho outro remédio se não apresentar antes a Minerva.

— Mas a Minerva não gosta de homens — disse a jovem Charlotte com a intenção de ajudar. — Ela prefere terra e pedras.

— Chama-se geologia — disse Minerva. — É uma ciência.

— Chama-se *solteirismo*, é o que é! Que rapariga esquisita. Senta-te direita na cadeira, pelo menos. — A Sra. Highwood suspirou e agitou o leque com mais fervor. Para Susanna, disse: — Desespero por ela, de verdade. É por isso que a Diana tem de ficar melhor, percebe? Já imaginou a Minerva na sociedade?

Susanna mordeu o lábio para reprimir um sorriso, imaginando muito facilmente a cena. Provavelmente assemelhar-se-ia ao seu próprio debute. Tal como Minerva, ela envolvera-se em atividades impróprias para uma senhora e tornara-se alvo do desespero frequentemente expresso pelas mulheres da sua família. Em bailes, fora aquela amazona sardenta a um canto que ficaria muitíssimo feliz em camuflar-se no papel de parede, se ao menos a cor do seu cabelo o tivesse permitido.

Quanto aos cavalheiros que conhecera... nenhum conseguira cativá-la. Para dizer a verdade, nenhum tentara a sério.

Ela ignorou aquelas memórias embaraçosas. Isso já era passado.

O olhar da Sra. Highwood pousou num livro no canto da mesa.

— Fico satisfeita por ver que mantém o *Sra. Worthington* à mão.

— Oh sim — respondeu Susanna, pegando no volume azul e encadernado a couro. — Há exemplares do *Sabedoria da Sra. Worthington* espalhados por todo o lado na aldeia. Consideramo-lo um livro muito útil.

— Ouviste, Minerva? Far-te-ia bem decorá-lo. — Quando Minerva revirou os olhos, a Sra. Highwood disse: — Charlotte, abre-o agora. Lê em voz alta o início do Capítulo 12.

Charlotte pegou no livro e abriu-o, em seguida pigarreou e leu em voz alta num tom dramático.

— Capítulo 12. Os perigos de uma educação excessiva. O intelecto de uma jovem senhora deve ser em todas as formas igual à sua roupa interior. Presente, impecável e impercetível ao observador comum.

A Sra. Highwood pigarreou alto.

— Sim. Exato. Ouve e aprende, Minerva. Ouve e aprende todas as palavras. Como a Menina Finch diz, vais ver que este livro é muito útil.

Susanna bebericou calmamente um pouco de chá, engolindo-o com um nó apertado de indignação. Não era uma pessoa zangada ou ressentida, por norma. Mas, quando provocada, era formidavelmente difícil esconder as suas emoções.

Aquele livro provocava-a imenso.

Sabedoria para Jovens Senhoras da Sra. Worthington era o pesadelo de raparigas sensatas em todo o mundo, repleto de conselhos insípidos e prejudiciais em todas as páginas. Susanna podia ter alegremente reduzido as páginas a pó com um pilão e um almofariz, etiquetado o frasco com uma caveira e ossos cruzados e colocado na prateleira mais alta da despensa, mesmo ao lado das folhas secas de dedaleira e bagas de beladona.

Em vez disso, tornara-se sua missão retirar o máximo de exemplares do livro de circulação. Uma espécie de quarentena. Residentes antigos da Queen's Ruby enviavam os livros de todos os cantos de Inglaterra. Não se podia entrar numa sala em Spindle Cove sem encontrar um exemplar ou três do *Sabedoria da Sra. Worthington*. E tal como Susanna dissera à Sra. Highwood, consideravam de facto o livro muito útil. Era do tamanho perfeito para calçar uma mesa. Também servia muito bem como peso de papel ou batente de porta. Susanna usava os seus próprios exemplares para prensar ervas. Ou, de vez em quando, para praticar tiro ao alvo.

Ela moveu-se na direção de Charlotte.

— Posso? — Tirando o volume das mãos da rapariga, ergueu o livro no ar. Em seguida, com uma bordoadá rápida, usou-o para esmagar um mosquito chato.

Com um sorriso calmo, colocou o livro numa mesa de apoio.

— Muito útil, de facto.

— Nem vão dar por ela quando lhes acertar. — Com o calcanhar da bota, Colin calcou um torrão de terra sobre o primeiro explosivo.

— Nada lhes vais acertar — disse Bram. — Não vamos usar bombas. A última coisa de que precisavam era de estilhaços a voarem pelo ar. Os projéteis que preparava eram apenas cartuchos vazios — pólvora embrulhada em papel, para causar algum barulho e uma pulverização de terra.

— Tens a certeza de que os cavalos não vão desatar a fugir? — perguntou Colin, desenrolando uma medida de fusível de queima lenta.

— Estes são animais treinados para a cavalaria. Insensíveis a explosões. As ovelhas, por outro lado...

— Vão dispersar como moscas. — Colin mostrou um imprudente sorriso rasgado.

— Acho que sim.

Bram sabia que bombardear as ovelhas era uma atitude negligente, impulsiva e inerentemente estúpida, tal como todas as ideias infantis do seu primo. Certamente havia soluções melhores e mais eficientes para uma barricada de ovelhas que não envolviam pólvora.

Mas o tempo urgia e Bram estava mais do que impaciente para continuar o caminho. Há oito meses, um chumbo tinha-lhe dilacerado o joelho direito e destruído a sua vida. Ele passara meses acamado e várias semanas a cambalear e a gemer por corredores como se fosse um fantasma a arrastar correntes. Houve dias durante a convalescença que Bram sentira a certeza de que *ele* iria explodir.

E agora estava tão perto — apenas a pouco mais de 1,5 quilómetros — de Summerfield e de Sir Lewis Finch. Apenas a 1,5 quilómetros de recuperar finalmente o seu comando. Não iria sem dúvida ser impedido por um rebanho de ovelhas gluttonas, cujas tripas provavelmente iam rebentar se não as afugentassem daquele milho.

Uma boa e simples explosão era apenas o que todos precisavam agora mesmo.

— Isso basta — disse Thorne, cravando o último explosivo no cimo da colina. Ao descer, atravessando o rebanho, acrescentou: — Está tudo desimpedido ao longo do caminho. Dá para ver até ao longe.

— *Há* uma aldeia nas proximidades, não há? — perguntou Colin. — Céus, diz-me que há uma aldeia.

— Há uma aldeia — respondeu Bram, guardando o resto da pólvora não usada. — Vi-a no mapa. Qualquer-coisa Bay ou Não-sei-quê Harbor... Não me lembro bem.

— Não me interessa o nome — disse Colin. — Desde que tenha uma taberna e alguma vida social. Credo, como odeio o campo.

Thorne disse:

— Eu vi a aldeia. Fica logo depois daquela elevação.

— Não pareceu encantadora, pois não? — Colin ergueu uma sobrançelha quando pegou na caixa de madeira. — Odiaria que fosse encantadora. Prefiro muito antes um buraco frio e húmido, sórdido e corrompido. Uma vida saudável causa-me arrepios.

O cabo lançou-lhe um olhar inflexível.

— Quanto a ser encantadora, não sei, meu senhor.

— Sim. Estou a ver — balbuciou Colin. Bateu numa pederneira e acendeu o fusível. — Muito bem.

— Menina Finch, que aldeia encantadora. — Diana Highwood apertou uma mão na outra.

— Também achamos. — Sorrindo com modéstia, Susanna levou as visitas para o jardim da aldeia. — Aqui temos a igreja de Sta. Úrsula, um exemplo por excelência de arquitetura medieval. É claro que o jardim em si é um mimo. — Ela não mencionou o relvado oval que usavam para críquete e bocha, e rapidamente afastou a Sra. Highwood dali, não fosse ela reparar nas pernas com meias penduradas numa das árvores.

— Olhem para além. — Ela apontou para um emaranhado de arcos e torres em pedra que decorava a falésia rochosa. — São as ruínas do Castelo Rycliff. São um excelente lugar para pintar e desenhar.

— Oh, tão romântico. — Charlotte suspirou.

— Parece húmido — comentou a Sra. Highwood.

— Nem por isso. Daqui a um mês, o castelo será o local da nossa feira de solstício de verão. Vêm famílias de dez paróquias, de tão longe como Eastbourne. Nós, as senhoras, vestimo-nos com roupas medievais e o meu pai organiza um espetáculo para as crianças da aldeia. Ele coleciona antigas armaduras, sabe? Entre outras coisas.

— Que ideia maravilhosa — disse Diana.

— É o ponto alto do nosso verão.

Minerva olhou com atenção para as falésias.

— Qual é a composição daqueles penhascos? Arenito ou calcário?

— Eh... arenito, julgo eu. — Susanna concentrou a sua atenção numa montra com persianas vermelhas do outro lado da avenida. Largos canteiros cheios de flores às janelas e um letreiro com letras douradas que baloiçava sem ruído com a brisa. — E ali está a casa de chá. O Sr. Fosbury, o dono, faz bolos e doçarias que fazem inveja a qualquer pastelaria de Londres.

— Bolos? — A boca da Sra. Highwood entortou-se num jeito desagradado. — Espero de verdade que a senhora não abuse dos doces.

— Oh não — mentiu Susanna. — Quase nunca.

— A Diana foi estritamente proibida de comer doces. E aquela — apontou para Minerva — começa a ficar forte. Receio eu.

Com a descortesia da mãe, Minerva virou os olhos para os pés, como se examinasse atentamente os seixos por baixo deles. Ou como se estivesse a suplicar ao chão que a engolisse inteira.

— *Minerva* — disse a mãe rispidamente. — Endireita-te.

Susanna colocou o braço à volta da jovem, segurando-a para cima.

— Já vos disse que temos o tempo mais soalheiro de toda a Inglaterra? O correio chega duas vezes por semana. Estão interessadas em fazer uma visita às lojas?

— Lojas? Só vejo uma.

— Bem, sim. Só há uma. Mas é tudo o que precisamos, sabe. A loja Bright's All Things tem tudo o que uma jovem senhora poderia desejar comprar.

A Sra. Highwood inspecionou a rua.

— Onde fica o médico? A Diana tem de ter sempre um médico por perto, para a sangrar quando tem os ataques.

Susanna fez uma careta. Não admira que a saúde da Susanna nunca tenha melhorado completamente. A sangria era uma prática tão inútil e horrenda! Um «remédio» que mais provavelmente sugaria a vida do que a preservaria, e ao qual Susanna mal sobrevivera. Como era hábito, ajustou as luvas compridas que iam até aos cotovelos. As costuras friccionaram nas cicatrizes há muito saradas por baixo.

— Há um cirurgião na cidade mais próxima — disse ela. Um cirurgião que ela não deixaria aproximar-se do gado, muito menos de uma rapariga. — Aqui na aldeia, temos um boticário muito experiente. — Ela esperou que a mulher não fizesse perguntas específicas quanto a isto.

— E homens? — perguntou a Sra. Highwood.

— Homens? — ecoou Susanna. — O que tem?

— Com tantas senhoras solteiras a residirem aqui, não se veem invadidos por caçadores de fortunas? Bath estava a abarrotar com eles, todos atrás do dote da minha Diana. Como se ela fosse casar com um terceiro filho de falinhas mansas.

— Claro que não, Sra. Highwood. — Neste aspeto, Susanna não precisou de inventar. — Não há libertinos endividados nem militares ambiciosos aqui. Na verdade, há muito poucos homens em Spindle Cove. Tirando o meu pai, apenas comerciantes e criados.

— Não sei — disse a Sra. Highwood num suspiro, olhando para a aldeia mais uma vez. — É tudo muito comum, não é? A minha prima, Lady Agatha, falou-me de umas novas termas em Kent. Banhos minerais, tratamentos de purga. A sua senhoria elogia imenso o seu tratamento de mercúrio.

O estômago de Susanna deu voltas. Se Diana Highwood fosse parar a umas termas dessas, poderia verdadeiramente ser o seu fim.

— Por favor, Sra. Highwood. Não se pode subestimar os benefícios para a saúde do ar do mar e da luz do sol.

Charlotte desviou o olhar do castelo em ruínas durante o tempo suficiente para suplicar:

— Deixe-nos ficar, mamã. Quero participar na feira do solstício de verão.

— Creio que já me sinto melhor — disse Diana, a respirar fundo.

Susanna saiu do lado de Minerva e abordou a matriarca ansiosa. A Sra. Highwood podia ser uma mulher disparatada e extenuada, mas era evidente que amava as filhas e pensava no melhor para elas. Apenas precisava de que lhe garantisse que estava a fazer a coisa certa.

Bem, Susanna podia garantir-lhe isso sinceramente. Todas as três irmãs Highwood necessitavam deste lugar. Diana precisava de uma prorrogação dos tratamentos de médicos charlatões. Minerva merecia uma oportunidade de se dedicar aos seus próprios interesses sem censura. A jovem Charlotte apenas precisava de um lugar para ser uma menina, de esticar as pernas em crescimento e abrir asas à imaginação.

E Susanna precisava das Highwood, por razões que não conseguia facilmente explicar. Não tinha maneira de voltar ao passado e desfazer os infortúnios da sua própria juventude. Mas podia ajudar a salvar jovens senhoras da mesma infelicidade miserável, e isso era a segunda melhor coisa.

— Confie em mim, Sra. Highwood — disse ela, pegando na mão da mulher. — Spindle Cove é o lugar perfeito para as férias de verão das suas

filhas. Prometo-lhe que aqui ficarão saudáveis, felizes e perfeitamente seguras.

Bum. Uma explosão distante atingiu o ar. As costelas de Susanna estremeceram com a sua força.

A Sra. Highwood agarrou na sua touca com uma mão enluvada.

— Credo. Foi uma explosão?

Raios, raios, raios. Estava tudo a correr tão bem.

— Menina Finch, acabou de afirmar que este lugar é seguro.

— Oh, e é. — Susanna mostrou-lhes o seu sorriso mais tranquilizador e calmante. — É. Certamente é apenas um navio no Canal, a dar sinal com o canhão.

Ela sabia muito bem que não era navio nenhum. Aquela explosão só podia ser obra do seu pai. Quando era mais novo, Sir Lewis Finch fora um inovador célebre de armas de fogo e artilharia. As suas contribuições para o Exército Britânico valeram-lhe consagração, influência e uma fortuna considerável. Mas, depois daqueles incidentes com o canhão experimental, ele prometera a Susanna que desistiria de realizar testes de campo.

Ele *prometera*.

À medida que avançaram pela avenida, um estrondo estranho e baixo fez-se ouvir no ar.

— Que é este barulho? — perguntou Diana.

Susanna fingiu estar inocente.

— Que barulho?

— *Este* barulho — disse a Sra. Highwood.

O estrondo tornou-se mais poderoso a cada segundo que passava. As pedras do pavimento vibravam por baixo dos seus sapatos de salto. A Sra. Highwood fechou os olhos com força e emitiu um gemido choroso.

— Ah, este barulho — disse Susanna com indiferença, conduzindo as Highwood pela avenida. Se ao menos conseguisse levá-las para dentro... — Este barulho não é motivo de preocupação. Ouvimo-lo a toda a hora. Uma casualidade do tempo.

— Não pode ser trovoada — disse Minerva.

— Não. Não, não é trovoada. É... um fenómeno atmosférico, causado por rajadas intermitentes de...

— Ovelhas! — gritou Charlotte, apontando para a avenida em frente.

Um rebanho de animais lanudos e desvairados passou a toda a brida pelo antigo arco de pedra e invadiu a aldeia, descendo pela avenida e investindo sobre elas.

— Oh sim — balbuciou Susanna. — Precisamente. Rajadas intermitentes de ovelhas.

Ela enxotou as visitas para o outro lado da avenida, e reuniram-se à porta da loja All Things, enquanto as ovelhas em pânico passavam. O coro de balidos agitados irritou-lhe os tímpanos.

Se o seu pai se tivesse magoado, ela ia matá-lo.

— Não há motivo para alarme — disse Susanna, fazendo-se ouvir acima do chinfrim. — A vida no campo tem os seus encantos especiais. Menina Highwood, a sua respiração está boa?

Diana assentiu.

— Estou bem, obrigada.

— Então podem dar-me licença?

Sem esperar por uma resposta, Susanna levantou as saias e desatou a correr pela avenida, serpenteando por entre as poucas ovelhas que restavam, à medida que saía da aldeia. Apenas demorou alguns segundos. Era, afinal de contas, uma aldeia muito pequena.

Em vez de enveredar pela estrada mais comprida e sinuosa que dava a volta à colina, subiu-a. Ao chegar ao cimo, a brisa levou-lhe umas réstias de fumo e tufos espalhados de lã. Apesar destes sinais agoirentos, ela alcançou o cume da colina e encontrou um cenário que não se assemelhava a um dos testes de artilharia do seu pai. Ao fundo da estrada, duas carroças estavam atravancadas na estrada. Quando ela semicerrou os olhos, conseguiu distinguir vultos reunidos em redor dos veículos parados. Vultos altos e masculinos. Entre eles nem um cavalheiro baixo, entroncado e meio calvo.

Nenhum deles podia ser o seu pai.

Ela inspirou de alívio o ar pungente e tingido de pólvora. Já sem o peso do medo, a sua curiosidade tomou as rédeas. Intrigada, desceu a área de urze até chegar à estrada estreita e esburacada. Ao longe, os vultos dos homens pararam de se mover. Tinham reparado nela.

Ensombrando o sobrolho com uma mão, olhou com atenção para os homens, a tentar distinguir as suas identidades. Um deles usava um casaco de militar. Outro nem casaco tinha. Quando ela se aproximou deles, um homem sem casaco começou a acenar com vigor. Chegaram-lhe gritos com a brisa. Com o sobrolho franzido, Susanna aproximou-se mais, na esperança de ouvir melhor as palavras.

— Espere! Menina, não...!

Cabum.

Uma força invisível arrancou-a diretamente do chão e atirou-a para o lado, sacudindo-a completamente da estrada. Embateu primeiro com o ombro na erva alta, pregada à turfa por uma espécie de animal atacante.

Um animal atacante que usava lã vermelha.

Juntos, saltaram para fora da estrada, cotovelos e joelhos amparando os golpes. Os dentes de Susanna bateram no crânio, e ela mordeu a língua com força. Rasgou-se tecido, e o ar fresco subiu-lhe pela coxa mais do que qualquer outra brisa bem-educada deveria aventurar-se.

Quando pararam de rebolar, ela deu por si esmagada por um peso tremendo que resfolegava. E penetrada por um intenso olhar verde.

— Que...? — A sua pergunta saiu num suspiro.

Bum, respondeu o mundo.

Susanna encolheu a cabeça, enterrando-a na proteção do que reconheceu como um casaco de militar. A saliência de um botão de bronze fez pressão na sua bochecha. O volume do homem formou um escudo reconfortante quando uma chuva de torrões de terra caiu sobre ambos. Ele cheirava a uísque e pólvora.

Depois de o pó dissipar, ela afastou o cabelo da testa dele, examinando-lhe o olhar à procura de sinais de confusão ou dor. Os olhos dele pareciam alerta e inteligentes, e ainda tinham aquele tom verde surpreendente — tão firme e vívido como jade.

Ela perguntou:

— Está bem?

— Sim. — A voz dele era grave e rouca. — E a menina?

Ela anuiu, à espera que ele a libertasse depois da confirmação. Como ele não mostrou sinais de se mover, ela ficou confusa. Ou ele estava gravemente ferido ou era seriamente impertinente.

— O senhor é... eh, é deveras pesado. — Certamente ele compreenderia *esta* insinuação.

Ele respondeu:

— A menina é macia.

Deus do céu. Quem era este homem? De onde viera ele? E como é que ainda estava *em cima* dela?

— Você tem uma pequena ferida. — Com dedos hesitantes, ela tocou num nó avermelhado no alto da têmpora, perto da linha do cabelo. — Aqui. — Ela pressionou a mão no pescoço dele, a tentar sentir-lhe a pulsação. Encontrou-a, a bater forte e estável contra as pontas dos dedos enluvadas.

— Ah. Isso sabe bem.

O rosto dela ardeu de calor.

— Está a ver a dobrar?

— Talvez. Vejo dois lábios, dois olhos, duas bochechas coradas... mil sardas.

Ela fitou-o.

— Não se preocupe, menina. Não é nada. — O seu olhar enegreceu com um significado misterioso qualquer. — Nada que um beijo não cure.

E antes que ela pudesse recuperar o fôlego, ele pressionou a boca na dela.

Um beijo. A boca dele, a tocar na dela. Foi quente e firme, e depois... acabou.

O primeiro beijo verdadeiro dela nos seus 25 anos de vida, e acabou num instante. Agora é apenas uma memória, exceto o odor ténue de uísque nos seus lábios. E o calor. Ela ainda sentia o calor ardente e masculino dele. Com demora, fechou os olhos.

— Pronto — murmurou ele. — Tudo melhor.

Melhor? Pior? A escuridão por trás das suas pálpebras não tinha resposta, por isso ela abriu-as de novo.

Diferente. Este homem desconhecido e forte segurou-a nos seus braços protetores, e ela perdeu-se no seu olhar verde intrigante, e o beijo dele reverberou-lhe nos ossos com mais força do que uma explosão de pólvora. E agora ela sentia-se diferente.

O calor e o peso dele... eram como uma resposta. A resposta a uma pergunta que Susanna não estivera consciente de que o seu corpo fazia. Então era assim que seria estar deitada por baixo de um homem. Sentir-se moldada por ele, a sua carne a ceder em certos sítios e a resistir noutros. O calor a aumentar entre dois corpos; batimentos cardíacos em guerra a ribombarem em ambos os lados do mesmo tambor.

Talvez... apenas talvez... isto fosse o que ela esperara a vida toda para sentir. Não apaixonar-se — mas ser atirada pela estrada e ficar virada do avesso ao mesmo tempo que o mundo explodia à sua volta.

Ele virou-se de lado, dando-lhe espaço para respirar.

— De onde é que a menina veio?

— Acho que eu é que devia perguntar-vos isso. — Ela levantou-se a custo sobre um cotovelo. — Quem *são* vocês? O que raio é que estão a fazer?

— Não é óbvio? — O seu tom foi severo. — Estamos a bombardear as ovelhas.

— Oh. Oh céus. Claro que estão. — Dentro de si, a compaixão misturou-se com desespero. É claro, ele tinha a cabeça perdida. Um daqueles pobres soldados desorientados pela guerra. Ela devia ter percebido isso. Nenhum homem *são* alguma vez a olhara desta maneira.

Ela ignorou a desilusão. Pelo menos ele viera ao sítio certo. E dera com a mulher certa. Ela era muito mais entendida em tratar feridas na cabeça do que a lidar com abordagens de cavalheiros. A solução aqui era parar de pensar nele como um homem robusto e viril e simplesmente vê-lo como uma pessoa que precisava da sua ajuda. Uma pessoa que é um eunuco feio e nojento.

Chegando-se a ele, passou a ponta de um dedo pela sua testa.

— Não se assuste — disse ela num tom calmo e uniforme. — Está tudo bem. O senhor vai ficar bem. — Ela colocou a mão em concha na sua bochecha e olhou-o diretamente nos olhos. — As ovelhas não podem magoá-lo aqui.

SPINDLE COVE É UMA PACATA VILA COSTEIRA, SÓ PARA DONZELAS.

As raparigas bem-nascidas, influenciáveis e que correm riscos de serem seduzidas pelos cavalheiros errados são enviadas pelas famílias para Spindle Cove. Aqui elas deverão «curar-se» com os bons ares marítimos, desenvolver os seus talentos e viver vidas tranquilas. Susanna Finch é a anfitriã da vila e guardiã deste verdadeiro refúgio, livre de homens e de tentações.

MAS, COM A CHEGADA DE UM HOMEM...

Afastado da frente de guerra contra Napoleão após sofrer um ferimento, o tenente-coronel Victor Bramwell quer agora recuperar o comando do seu regimento. O seu plano leva-o a Spindle Cove, onde, ao contrário do que esperava, acaba por receber um título de conde, um castelo e a responsabilidade de criar uma milícia para defender a vila.

A GUERRA DOS SEXOS VAI COMEÇAR.

Susanna teme que a presença de uma milícia na vila desencaminhe as donzelas. Mas o tenente-coronel tem de cumprir a sua missão para poder voltar para a guerra. Nasce, assim, uma autêntica guerra dos sexos entre os dois. Com a atração crescente que sentem um pelo outro, serão eles capazes de manter os seus planos? Ou irão declarar-se vencidos pelo amor?

DA MESMA AUTORA, PARA LER E SONHAR:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8843-13-5



9 789898 843135

Ficção Romântica